

Figura 103 - Jornal de Hoje, divulgação do Seminário Metropolização e Sociedade no Teatro do IBAM Agito na Baixada

O tempo em questão no Ibam

A análise de temas contemporâneos, como o desenvolvimento sócio-econômico no meio urbano, as mutações e impactos causados pelas novas tecnologias na informação e comunicação, a exclusão social e os desafios para se integrar às alterações coletivas. Estes são alguns assuntos que serão discutidos no seminário *Metropolização e Sociedade* que será realizado hoje, amanhã e sexta-feira, no Teatro do Ibam (Largo do Ibam, 01, Humaitá), das 9h às 17h. A abertura será feita pelo grupo iguaçuano Agito Cultural, que vai encenar o espetáculo "Tecnologia".

O seminário *Metropolização e Sociedade* vai abordar as novas tendências da relação "espaço-tempo" sobre o poder transformador das denominadas novas tecnologias de informação e comunicação na vida da população que habita as metrópoles brasileiras. O grupo Agito Cultural, caracterizado pela irreverência e espontaneidade vai mostrar a peça "Tecnologia" criada especificamente para o evento. No trabalho, o grupo trata da questão do desenvolvimento tecnológico e suas condições, brincando com as facilidades e os efeitos "pervertidos" ocasionados neste contexto. A peça discute a validade e o uso da tão propaganda busca da "modernidade", dissociada de uma preocupação social.

Quarta-feira, 6 de outubro de 1993

Lazer

Figura 104 - Jornal Baixada Notícias, divulgação do trabalho do Agito Cultural

Caderno de Cultura

BAIXADA
NOTÍCIAS

Suplemento cultural do jornal Baixada Notícias - n° 2 - Novembro de 1993



Editorial

Que caras são essas? Parece um bando de malucos rindo não sei de quê. São não. Essas são as caras da Baixada com um pouco de doidice sim porque misturam alegria na luta para sobreviver. O grupo teatral Agito Cultural faz teatro por encomenda. E, qualquer coisa. Peça sobre político corruptos, ciência e tecnologia, educação e cultura, exploração social. Nada escapa a ironia e ao humor da grupo composto por Nelson Freitas, Mauricio Medeiros, Aline Corssais, Júlio Fagundes, Robson Luiz e Gisela Barros (de cima p / baixo na foto). Basta encomendar que a encenação está pronta em 15 dias no máximo.

Cheio de talento o Agito Cultural reúne músicos e atores que com os olhos encravados na realidade do país e da Baixada Fluminense em particular. Falam das doenças, das injustiças, do sofrimento da ilusão com políticos com cara de bonzinho. Daqueles que acham que a Baixada é curral eleitoral.

É crítica sim mas não uma crítica vazia - é sempre uma oportunidade •de um reexame da realidade e chance de se pensar em criar através da arte e da informação uma Baixada bonita, bonita, bonita.

Fonte: Acervo pessoal autora, 1993

Figura 105 - Jornal Baixada Notícias, divulgação do trabalho do Agito Cultural

Uma turma muito agitada

Olha a caganreira do João
Será o vibrão
Será o vibrão
Será que ele tá com o có-
lera
Será que ele não lava a
mão
Será que a fruta tinha
merda
Será que ele não tem sa-
bão...

Lava a mãozinha dele
Lava a frutinha dele
Trata do esgoto dele
Trata da água dele.

A música acima, ou melhor, a brincadeira acima faz do roteiro "Cólera: Doença da Miséria" - um dos textos preparados pelo grupo de teatro Agito Cultural que elabora esquetes sob encomenda. Precisando de uma peça sobre educação, modernidade, religião ou tecnologia, pode encomendar. O grupo faz de tudo com muito humor mas leva o trabalho a sério - tudo fica pronto no máximo em quinze dias - com trilha sonora, figurino e iluminação - tudo perfeito.

Formado pelos atores Aline, Gisela, Júlio, Maurício, Robson e pelo produtor Nelson Freitas - todos originários de Nova Iguaçu, o grupo tem uma característica fundamental: a luta incansável pela arte, o amor declarado pela cultura.

O grupo inaugurou o "Teatro de Encomenda" - uma nova



O Agito Cultural entra numa nova fase e prepara muitas para 94

forma de levar para as ruas, praças, escolas, empresas, igrejas e teatros - a irreverência, a espontaneidade sempre discutindo alegrias, ilusões, tragédias e as alegrias da sociedade.

A encomenda também serviu para segurar um pouco a barra financeira já que cada trabalho sai por dois a cinco salários.

- Estamos entrando em uma nova fase muito mais madura e profissional. Queremos sempre estudar muito e poder cole-

tivamente achar o caminho para nossa arte, diz Júlio Fagundes, 32 anos, 14 deles dedicados ao teatro na Baixada.

O grupo estabelece um prazo pequeno para os ensaios, que varia de acordo com o tempo disponível para a entrega da peça dependendo do tema encomendado, o ágito é obrigado a fazer uma pesquisa de campo para melhorar a qualidade do espetáculo. Cada apresentação dura em média 30 minutos.

Todo mundo faz tudo

Para entregar uma peça o Agito Cultural exige um prazo de pelo menos 15 dias. Além de solicitar ao cliente que elabore um relatório com os principais pontos que devem ser abordados na peça, o Agito se desdobra em pesquisas, ensaios. Mas tudo é feito coletivamente, mesmo os cenários e os figurinos que são responsabilidade do cenógrafo Robson Luy. "Crio o desenho e apresento para o resto do grupo. Se a idéia for aprovada, executo, se não, modifico alguns detalhes", afirma. A trilha sonora também é assinada por ele, em parceria com Maurício Medeiros. Oroteiro e a direção tem um pouco dos cinco integrantes do Agito. Nelson Freitas é responsável pela produção do grupo mas todos participam da sua divulgação.



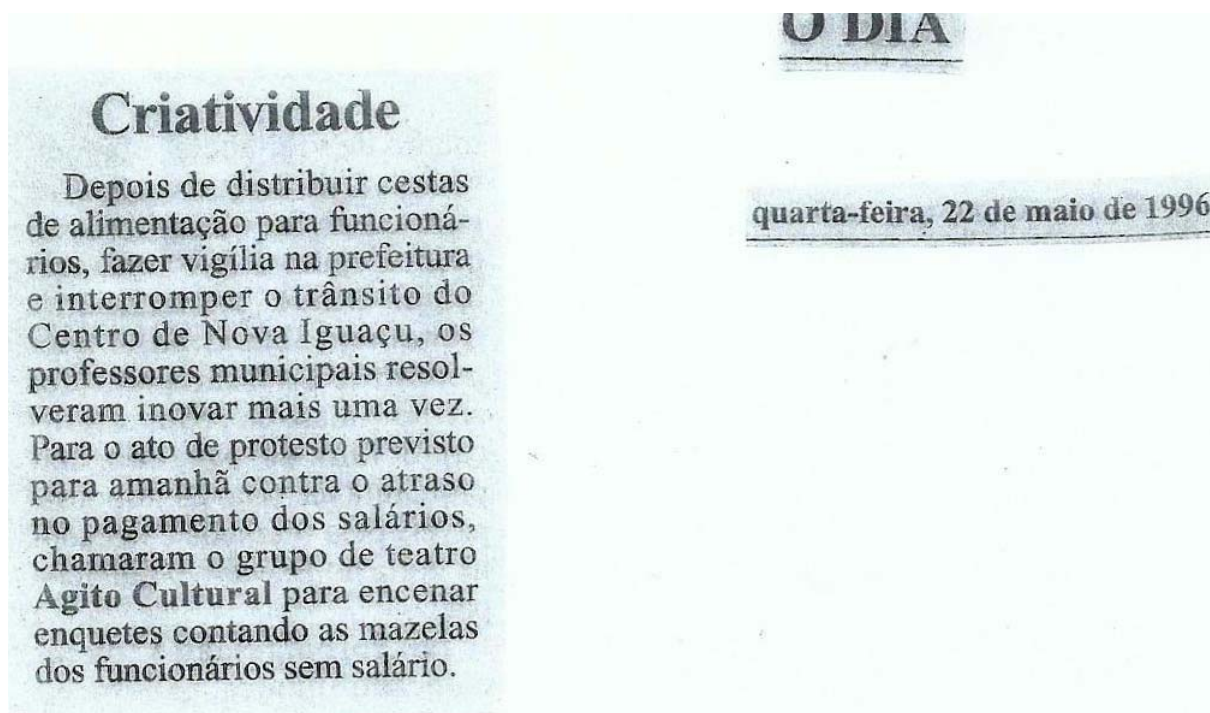
O humor e a irreverência marcam a apresentação do grupo

Fonte: Acervo pessoal autora, 1993

Figura 106 - Jornal do PT Nova Iguaçu, avaliação dos avanços e dificuldades na cultura iguaçuana



Figura 107 - Jornal O Dia, divulgação do Ato de Protesto dos Professores



Fonte: Acervo pessoal autora, 1996

Figura 108 - Jornal de Hoje, divulgação do Ato de Protesto dos Professores



Fonte: Acervo pessoal autora, 1996

Figura 109 - Jornal de Hoje, divulgação da apresentação da peça “A Ninfeta e o Entregador” na Praça Santos Dumont



Fonte: Acervo pessoal autora, 1996

Figura 110 - Jornal O Globo, texto do Marcos Serra sobre o teatro

Domingo, 1 de setembro de 1996

O GLOBO

BAIXADA

Que o teatro permaneça vivo!

Marcos Serra

• Na Baixada Fluminense, especificamente em Nova Iguaçu, onde moro e atuo, reside uma euforia em relação aos caminhos que o teatro e as artes de um modo geral estão traçando. Caminhos sinuosos, tempestuosos... Para se ter uma idéia, a cada vez que nos deparamos com novos indivíduos ou grupos que teimam em levar adiante a prática de representar, nos parece um recomeço, uma gênese cultural. Equívoco pensar assim! O que para nós (artistas e parte da população) talvez pareça impulso, para a trajetória do município é concretização de fatos históricos.

O Teatro Independente de Nova Iguaçu (Tini), o grupo Calabouço, o Rama's de teatro, o Emec, a Cia. também por isso, o Agito Cultural, Marco Mirelli, Sílvio Monteiro, Ailton José, Auzenral Alves, Júlio César Fagundes, Sônia Barbosa e diversas pessoas e cooperativas teatrais incumbiram-se, no decorrer dos últimos 20 anos, de semear nosso município. A terra é boa, deu boa colheita! Posso considerar-me parte dela, que, mesmo em entressafra, nos dá perspectiva de bons frutos.

O abismo entre o poder público e as produções culturais é notório. A ausência de uma política cultural séria, descentralizada e efetiva, é o que mais dificulta o desenvolvimento do município em termos de cultura e educação. Cá entre nós, é insano desvincular a cultura e suas manifestações do processo de desenvolvimento de quaisquer municí-

pios, principalmente quando se trata da maior cidade da Baixada e um dos principais colégios eleitorais do Rio de Janeiro.

Não só de estado sobrevive uma cultura tão diversificada como a nossa. Produções artísticas também! É através dos apoios da iniciativa privada — sem os quais seria impossível finalizarmos nossas produções — que conseguimos levar adiante o nosso trabalho. A participação do empresariado é pequena! É preciso haver uma parceria entre empresários e classe artística, para que desta forma ambos possam obter sucesso e o município, dignidade.

O município de Angra dos Reis nos dá um bom exemplo de *marketing* cultural. Pequenas e médias empresas, utilizando-se da Lei de Incentivos Fiscais do estado, apóiam produções artísticas e divulgam seus produtos. Ninguém perde! Ganha a população, ganham o empresário e os artistas. Não podemos mais encarar a classe artística com desdém e preconceito, somos trabalhadores. Um novo século se aproxima, precisamos avançar.

Nessa última década do século, o teatro nos acena para uma nova função. Função de manter-se vivo, de pé! Função de equacionar extensos monólogos de Sófocles com pequenos versos do aluno da rede municipal de ensino. Esse é o caminho! Nova Iguaçu precisa ser sacudida.

MARCOS SERRA é ator e integrante do grupo de teatro Agito Cultural